

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — FUNDADO EM 11 DE JANEIRO DE 1932

Redacção e Administração: L. Conselheiro João Franco, 30.

Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa.

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

Animula vagula, blandula...

(Notas e Cartas de um Médico da Província)

(S)

Maio:

De repente, em tais loquejos, Leonor abraçou-me num grande enlaço nervoso. — «E quantas vezes não são as próprias mães que matam os filhos, sem saberem?» Sim, por certo. Mas como... a Leonor... Andava queimada por mo dizer, mas apartava-se, acanhada de ouvir a acusação de sua mesma voz a contá-lo. Rebate de consciência impreciso, talvez apenas pressentimento, ideia que não chega a acordar esclarecida, todavia obsediante. — «Mulher pejada não é mulher de fábrica». — Os primeiros sintomas da gravidez já se manifestaram agravados, naquele meio; do quinto ao sexto, tivera de resignar-se ao insuportável. Os vômitos eram contínuo babejar, alíntivos enjôos; tinha ouros, lapsos, os olhos abertos e cegos à claridade em fôgo — amarelo-oiro, verde-químico, côres vivas do espectro em círculos rodopiantes; ensurdia-a o estridor mecânico da trepidação, aos arfos, como se a força motora a percorresse, e coração, artérias, entranhas obedecessem ao mesmo accionamento. Custava-lhe respirar, doía-lhe respirar. A sala da oficina estava saturada de mornura densa, gelatinosa — tinha frio e suave, tinha calor e arrepios —, com flocos de rama em torvelinho incessante, olhos e nariz, cabelos e bôca, os vestidos sujos e brancos de algodão. Presa ao tear em atitude fixa, hirta e permanente, os músculos das pernas estavam paralíticos, o tronco enreumado, como partida em dois corpos, um corpo morto de carne e osso, donde só braços e mãos se mexiam. Arranhava-se para ver o riscar das unhas na pele, queria mover os pés, de ferro duros e frios, soltar-se do pesadelo de cadáver vivo. Mas a criança, ainda se molestava mais. A rabujar inquieta e mal-sofrida, na ânsia de sair da prisão, encarcerada em outra maior prisão — por duas vezes se julgou na séria iminência do abôrto. Uma noite estremunhou — «Não ouves? (disse ao homem) parece a criança a chorar». Depois sentia-a cair no torpor enfrochado de quem, de aborrocido, não lhe apetece mais acordar.

Foi pelo sexto mês, o desastre na fábrica. Mesmo ao seu lado. A correia de transmissão, ao partir-se, ou porque se desligara, apanhou o braço da Teresa das Molianas, e o esguicho quente e pegajoso do sangue viera bater-lhe em cheio nos olhos, entrara-lhe à bôca. Bonitinha, franca e alegre, a môça... Despediu um grande ai e tombara sem sentidos, com tal má sorte que dera de rosto nos dentes da máquina. Rebateu-lhe de salto o coração, desmaiou também — e ao voltar ao conhecimento, deitada sôbre os fardos do armazém, a pobrezinha, nas suas entranhas, estertorava-se para fugir de semelhante martírio. Semanas inteiras, só via postas de carne de matedouro ou açogue, sempre em receios de tudo e de nada, as mãos nervosas, febris, tam desajeitadas que teve muitas e se lhe embrulharam dias na mesma peça. Bem lhe dizia o homem: — «Agora, toca a descansar». A descansar! — se êles contavam com aqueles cibos de ganho... E, aida assim, ao preço por que tudo andava (bastava o preço do pão) era viver esganadinho de pobres. Viria a folga obrigada nos dias do parto, sobejos em despesas. Tocava, mas a arrecadar. Fôra ela a tratar do exoval, às noites, mais pequenas e mal dormidas — e, já então, o mafarrico das mãos se desentolhia e despachava, indispostas com tôdas as outras obrigações, mas lépidas, as babosas, gostando de mexer nos chãmbres, nas toucas, nas camisinhas. — «Deito a fita côr de rosa ou ponho o laço azul?» — A mãe queria um rapaz, êle uma menina. E' quási sempre assim).

Extremamente doloroso foi êsse longo período. Constipada a qualquer ponta de ar, consumira-a uma tosse convulsa de histerismo, sufocante como na coqueluche ou na asma, e a inocentinha, arrepelada, sacudida por tais violências, em que até a Leonor lhe pareceu ouvi-la gemer. Balda certa das prenhas, regalava-a mirar coisas lindas, alegres, viçosas, saúdáveis; parava contente ao ver pequenitos de boa parecença, de carinhas redondas, coradas, guilatonas, formas delicadas, e seduzia-a a beleza, a força, a satisfação e a bondade. Como logo a cobria de azar a tristonhice farrapente, o cantilenar soturno da noite morta, o fochinho agudo das velhas impeticantes, o cheiro das pinturas a óleo, o dobrar dos sinos a defunto, os aleijados e os sapos. Aparecera um grilo na cinza do lar, — espalhara logo por ali fôlhas de alface; deitava migalhas no mirante a atraír os passarinhos. Sempre em muitos cuidados — pois, ao mesmo pensamento infligia disciplina, para que lhe não andasse a alma em noite escura. Ora, para mais, o grande susto — quando o marceneiro lhe entrou em casa muito enfiado e com ligaduras, desastrosamente atingido por golpe de formão. Viu logo o sangue viscoso da Teresa, e, embora o homem a rir da picadelinha de brincadeira, a nódoa vermelha alastrava-se, perseguia-a, até a dormir. Por isso, além de ser o primeiro filho, o parto foi laborioso, ela cheia de fraqueza, e a criança na preguiçosa indisposição contra o mundo, que a maltratara antes de a receber. Foi então que a pequenita, já de ordinário tam repousada no seu colo, passou a crise mais grave, nova e perigosamente acometida, de tôda a doença. Leonor, apertando-me o braço, desvairada, exclamava: — «Vê, vê, senhor doutor, como eu tenho razão? Não fui eu quem a matei dentro de mim? A pobre da minha filha já nasceu ferida de morte.» — Desorientado, embora o visse malograr-se, ignorando como substituí-lo, não larguei mão do processo. Convoquei dois colegas — o decano, homem lento, de modelar escrupulosidade, agudíssimo no diagnóstico, e um novo, que chegara precedido de boa fama, conhecimentos a-par-das mais recentes inovações e estudos —, a conclusão da conferência não adiantou de vagas palavras, a fácil previsão do fatal desenlace, a reviravolta de súbitas melhorias.

E ainda bem que estas se deram. Minha atenção dirigira-se, des-

Ferros Curtos

De como letrados e policia não descobriram um audacioso furto praticado sem gazua por um poeta de água-dôce residente na mui nobre e vetusta cidade de Guimarães; e de como um rude Bandariheiro enterrando a farpa fez lume na escuridão descobrindo a tratantada... reclamando das autoridades e mais quem de direito um bom marmeleiro para o autor da proeza pòblica...

*«Eu que fui dansar na boda
Em que foi que te ofendi?
Andei sempre à roda, à roda,
Mas sempre à roda de ti.»*

Guimarães.

S. MENDES.

(Do Jornal de Notícias, de 1-7-934, páginas 7, 2.ª columna — Mais trovos do 6.º Concurso das Quadras do S. João).

*«Porque fui dançar na boda
Em que foi que te ofendi?
Andei sempre à roda, à roda,
— Mas sempre à roda de ti...»*

(Do Craveiro da Janela, de Augusto Giti).

*Eis um poeta burlão,
Um trovador indecente
Que, poetando ao S. João,
Muito surratemente
No alheio meteu mão...*

*Vate de veia amarela,
Sem ter das musas um chavo
Foi roubar, sem mais aquela,
Um vermelho, um lindo cravo
Ao Craveiro da Janela.*

*E o Juri vendo a façanha
— Isto indigna e desgosta —
Permitiu fraude tamanha:
— Scismava Joaquim Costa...
— Pensava Jardim Aranha...*

*E no Código Penal,
Como tu leitor comprehendes,
Não conterà, afinal,
Um artigo para o Mendes
Que o detenha num curral?*

*O' maduro! ó poetastro!
Dá-me um ar da tua graça!
Quero elevar-te num mastro
— Orgulho da nossa Raça —
Tu-brilhas mais do que um astro!*

*Aparece, ó S. Mendes
Para dar-te os parabéns;
E se preito não lhe rendes,
Porque razão não o prendes
O' povo de Guimarães?*

*Não desejo ser hostil
Nem por sombras de malícia
Ante a suprema delícia;
— Se vivesse o grande Gil
Entregava-te à policia.*

*Quem tem inspiração farta
Na arte velha de furtar
E de roubos não se enfarta
— Vá versejar, vá rimar
Para o raio que o parta...*

BANDARILHEIRO.

IMPORTANTE

Aqueles nossos assinantes que, durante a época calmosa se ausentem de Guimarães, podem receber, em qualquer parte onde estacionem, o nosso jornal, bastando, para isso, indicar-nos as suas direcções.

«A MENDICIDADE»

Foi muito apreciado o artigo que, com êste titulo e da autoria do nosso ilustre colaborador *Miora*, o «Notícias de Guimarães» publicou, no seu penúltimo número, e que alguns senhores comerciantes se dignaram afixar nas suas vitrines.

NA AGONIA!...

De nada valeram os esforços daquelas pessoas que pensaram em levar a efeito, no corrente ano, a realização das Festas da Cidade. De nada valeu, também, o grito da Imprensa, que, embora cumprindo um dever, não descurou êste assunto, antes, pelo contrário, chamou para êle a atenção dos vimaranenses, de quem se esperava o auxílio indispensável, isto é, o auxílio preciso para as Festas da Cidade se realizarem. No entanto, todo o tempo foi perdido, tais foram os embaraços que apareceram.

Guimarães, que devia estar em Festa nos primeiros dias do próximo mês, encontra-se imersa numa *agonia* profunda. Vai desaparecendo aquele aspecto alegre e sorridente de outros tempos, não obstante os *canudos* fumegantes dessa imensidade de Fábricas, espalhadas por tôda a cidade e concelho, continuarem a ser a imagem real e verdadeira de uma terra essencialmente industrial, qualidade que devia ser tomada em *linha de conta* no que diz respeito à realização das Festas da Cidade. Porém, todos os sinais de vitalidade desapareceram, quando, como no presente ano, se trata de recorrer àqueles com quem mais se devia contar em ocasiões destas. Porque tudo está mau, porque o dinheiro não chega, eis a desculpa de tantos e tantos vimaranenses, de tôdas as categorias, que se esquecem de que tudo aquilo que fizerem em benefício da sua terra, reverte, directa ou indirectamente, em proveito dos mesmos. Sem a intenção de pretender melindrar ninguém, devo chegar à única e simples conclusão de que, quem assim procede, não é amigo de Guimarães. E enquanto se verificar esta mal compreendida falta de critério, o progresso de Guimarães terá de estar sujeito a uma série infinita de contrariedades.

Como consequência disto, teremos, dentro em pouco, o seu nome envolvido numa *túnica* de pesados crepes! Pensem bem isto os homens de dinheiro, sôbre quem mais recaem as responsabilidades com as quais o futuro os pode surpreender. Fazer um pequeno sacrificio pelo engrandecimento de Guimarães, não é mais do que corresponder a uma imperiosa obrigação, a fim de que esta terra possa continuar a cantar os seus hinos de glória, tal e qual o fizeram os antepassados. Pensar o contrário, será estar em desacôrdo com a própria consciência.

Ramio.

N. da R. — A maneira como o nosso ilustre colaborador *Ramio* trata, neste seu artigo, o problema das Festas da Cidade, dispensa-nos de dizer aos nossos queridos leitores o que pensamos sôbre tam importante assunto, hoje já completamente posto à parte da iniciativa e do brio vimaranense.

de que me encontrei liberto da preocupação de mal escapo à minha análise, a tonificar a criança, a docilizer-lhe os nervos, e a coagir a mãe, sob sentença de cumplicidade no crime de morte, a darmos-lhe límpida atmosfera de confiança serena e alegre.

Pelas manhãs, antes de sair de casa para êste dever profissional — iam contar-se os trinta dias —, não resistia a chegar ao quintal.

Também eu andava em remorsos das minhas flores. O Príncipe botão de rosa, baptizado com mau agouro, não chegara a abrir em flor — deixara-se amarelecer, entre as folhas sujas de bronzeado poeirento, inchara e mirrara-se a corola em disforme nó de cancerose. Mas já despontava a garridice catrapiscadora, muito cheirosa, o riso em côr e perfume, de esplêndidos cravos, e havia as scintilas amarelo-oiro dos prégos no meio da relva, as angélicas em branco de sacerdotisas, as papoilas de rubro petulante, e os lírios de beata castidade amolecida. Dos ninhos, que moravam nas árvores, amanhecia a childeada do amor e da maternidade. O sol era apolíneo, ao bater as asas de luz musculosa, na beleza da força viril, na impetuosa juventude de claridade germinadora. Nos ramos da pereira velha, um casal de rôlas bravas. A'beira das roseiras, encanecidas pelo calor, a discreção amável das peonias. E o ar embalsamava, o bom ar puro, desinficionando-me do paúl em quartos suados de febre, escorrências de pus, fermentações gástricas, os óleos e vinagres das boticagens, por onde se gastavam minhas horas. Assim o tomava e sorvia como primeiro alimento de comunhão com a vida. Não era só o ar, mas o perfume, pois há o romance dos perfumes na primavera. São os mensageiros das confidências amorosas. Trazem e levam recados e segredos em suas asas de olor, aproximam noivos distantes, estimulam os tímidos, relacionam desconhecidos, despertam sentidos, atiçam os desejos, fermentam paixões, unem os beijos errantes, espalham ao vento morno o pólen da fecundação. Como não podem esconder-se, porque da sua natureza é a denúncia, inebriam e perturbam, cativam e desorientam, deixam-se prender e esvaiem-se libertos, infiltram-se e evolvem-se num momento. Sua linguagem alcoviteira é de espiritualização sensual, de meiga carícia afectiva.

EDUARDO D'ALMEIDA.

(Continua).

COISAS & LOISAS

OBRA NECESSÁRIA

A corrida da rampa, que terá lugar em 22 do corrente como já está anunciado, trouxe-me à ideia de lembrança de chamar a atenção do sr. vereador respectivo para o estado em que se encontra aquela parte da estrada que vai desde o terminus da rua Dr. José Sampaio até ao lugar do Rio. Desde há bastante tempo que está em mau estado, não obstante já se encontrar no referido local a pedra para o calcetamento. E, pois, de necessidade proceder-se a esta obra, pela qual se deve interessar também a Comissão de Iniciação e Turismo da Penha, visto que estamos na época desta formosa Estância ser visitada por muita gente, havendo, em virtude disto, maior movimento de carros pelo local indicado. E' uma obra indispensável e que não acarreta grande despesa ao Município, circunstâncias estas que favorecem a sua imediata realização.

E O THEATRO ?

Faz parte da actual C. Administrativa do Município o sr. A. L. de Carvalho, um dos lutadores pela construção dum Teatro decente, coisa que não há nesta terra. Não sei o que s. ex.ª pensará actualmente sobre este assunto, mas suponho que a construção do Teatro continuará a ser uma das suas grandes aspirações, agora de mais fácil realização, por ter ocasião de aliar à sua vontade a qualidade de representante de uma população que há tanto tempo reclama este melhoramento. Não se compreende — nem mesmo se justifica — a falta de uma casa de espectáculos numa terra destas, motivo por que o sr. A. L. de Carvalho deve empregar os seus esforços no sentido desejado, para cujo fim não lhe faltará a cooperação dos seus colegas, pelo menos a daqueles que estejam animados da boa vontade de bem servir esta terra. A ver vamos.

PROVIDÊNCIAS

Não foi em vão que falei, novamente, sobre o depósito de sardinhas que o sr. Vinagreiro queria instalar — mais uma vez — no Toural. E não foi em vão que o fiz, porque o sr. Administrador do Concelho já se dignou providenciar, segundo informação que algum me transmitiu. Não era de esperar outra atitude da digna Autoridade Administrativa, para quem o progresso de Guimarães está acima das suas relações pessoais. Se todos assim fizessem, se todos se compenetrassem das responsabilidades que estão inerentes aos cargos que desempenham, não haveria tanta *roupa suja* nesta terra. Sua ex.ª não se arrepende de assim proceder.

PELOS ANIMAIS

Faço votos para que a Direcção da Sociedade Protectora dos Animais, prestimosa associação que tem por fim protegê-los, se compadeça do cavalo que conduz o carro do correio (que ainda não deixou de ser *carroça*) à Estação do Caminho de Ferro (que continua a ser *possilga*). E' preciso não abusar do sacrifício dos animais, designadamente daqueles que estão impossibilitados de os continuar a fazer, como sucede neste caso. Trata-se de um cavalo branco (sem ser o de Napoleão), além de mal alimentado, posto que os ossos quasi lhe furam a pele, está inutilizado. Mas, como as aparências iludem, pelo menos algumas vezes, a Direcção da S. P. dos Animais prestava bom serviço ao referido animal, conseguindo, a respeito dêle a opinião do sr. dr. Joaquim de Barros, muito digno e zeloso Veterinário, que é quem tem mais autoridade para *aprovar* ou *reprovar* a minha opinião.

OUTRA LIÇÃO

Na segunda-feira passada, o Campo de Benlhevai esteve transformado, mais outra vez, em *campo mortuário*, onde perderam a vida muitas dezenas de pombas. Chamo para este caso a atenção da Direcção da S. P. dos Animais, que deve conseguir, de quem de direito, que este espectáculo não volte a repetir-se, sobretudo dentro da cidade, tal é a repugnância da lição. . . Infelizmente, já são muitas as provas do excesso da coragem humana, não se justificando, portanto, mais esta. Respeito qualquer opinião, mas não abdicó de meu modo de ver quanto à deshumanidade destes torneios. E vós, pombinhas mansas, o que diríeis se podesseis falar !?

Pipl.

Os nossos amigos

Deu-nos a honra da sua visita o sr. Tenente Alvaro Martins de Campos, que pediu a assinatura do nosso jornal.

— Também pediu a assinatura do nosso jornal, o sr. Agostinho Rocha, desta cidade.

— Veio à nossa redacção, pagar a sua assinatura, o nosso bom amigo sr. Francisco da Silva Salgado, de Vizela.

Os nossos agradecimentos.

Dos Livros. Dos Jornais.

«Revista de Guimarães»

Está em distribuição mais um fascículo desta valiosa publicação, o qual insere o seguinte:

Cartas de Martins Sarmiento ao P.ª Martins Capela.

Museus, Galerias e Colecções, por Pedro Vitorino.

Colecção de estampas e índice de gravadores, por A. Tibúrcio de Vasconcelos.

Auto-biografia de um monge de S. Bento, por Augusto César Pires de Lima.

A minha Terra, por A. L. de Carvalho.

Conta de vidro policromo encontrada no Castro de Sabroso, por Rosas da Silva.

Curiosidades de Guimarães, por Alberto Vieira Braga.

Ecos do Centenário Sarmantino. Boletim.

«O Jornal de Cambra»

Entrou num novo ano de publicidade este nosso ilustre colega, de Vale de Cambra, motivo por que o felicitamos.

A Grande Romaria de S. Torcato

Terminou, no passado domingo, a Grande Romaria de S. Torcato que, como de costume, aqui atraíu muitos forasteiros, das mais longínquas paragens.

A Romaria decorreu com muita animação e brilho, tendo agradado muito o fogo lançado no arraial de domingo, o qual se prolongou até de manhã.

Fizeram-se ouvir seis excelentes bandas de música e o afamado grupo de Zés P'reiras, de Mondim de Basto, que agradaram.

As solenidades religiosas, principalmente a Majestosa Procissão, decorreram com imponência e foram concorridíssimas.

Para o brilhantismo da Romaria muito contribuíram os srs. Alberto Pimenta Machado e António José Ribeiro, respectivamente Juíz e Tesoureiro da Irmandade de S. Torcato, que, sem desprimor para nenhum dos outros dignos mesários, foram incansáveis na boa organização dos atraentes números do Programa.

Também já se encontrava a funcionar, naquele dia, a iluminação eléctrica, melhoramento este, de importância, que a população de S. Torcato fica devendo ao seu grande amigo sr. Alberto Pimenta Machado.

— O rendimento das esmolas oferecidas ao Milagroso Santo atingiu 32 contos, incluindo algumas libras em ouro, diversos objectos do mesmo metal, cêra, etc. O mesmo rendimento foi superior, cerca de 4 contos, ao do pretérito ano.

— Durante a Romaria foram praticados alguns roubos de objectos de ouro e carteiras, e houve algumas desordens de pequena importância.

— O policiamento da Romaria e a regularização de trânsito foi feito por praças da G. N. R. e da P. S. P.

Festas a Santa Catarina

No sábado e domingo próximos, realizam-se, promovidas pelos Caçadores e Atiradores Cívicos de Guimarães, na linda Estância da Penha, grandes festejos em honra de Santa Catarina.

Haverá, no sábado, várias demonstrações festivas, concerto musical, fogo de artifício e iluminação, e no domingo, solenidades religiosas com procissão, torneio de tiro aos pombos, jantar de confraternização, e festival.

A Comissão promotora dos festejos tem empregado os seus melhores esforços para que os mesmos revistam muito brilhantismo.

Dívida sagrada

Guimarães ufana-se de ser bérço da nacionalidade e também se orgulha de ser concelho de primeira ordem, bem como comarca de primeira classe. Todos estes factores, especialmente o primeiro, que sobreleva os outros, visto que nenhuma outra cidade, por mais antiga que seja, se pode arrojar tal direito, dão-lhe, em boa verdade, uma situação especial de invulgar destaque e altamente privilegiada. Esse destaque, como esse privilégio, obrigam, porém, ao cumprimento de deveres imperiosos que, forçosamente, terão de cumprir-se, por maiores que sejam as dificuldades ou canseiras que esses deveres tragam aos seus filhos e, muito especialmente, aos dirigentes ou governantes dos seus destinos. Assim, é necessário, indispensável mesmo, que os seus filhos correspondam, por actos de civismo, às responsabilidades inerentes a esses factores ou por outra, justifiquem exuberantemente e de forma iniludível, a ufania e o orgulho a que dão jus esses factores, sob pena de pôrem em risco, bem patente, o brio e a dignidade consentâneos aos fóros de bérço da nacionalidade, concelho de primeira ordem e comarca de primeira classe. Se os vimaranenses não justificarem essa ufania e esse orgulho, por acendrados actos de civismo, a tempo e horas, tanto a ufania como o orgulho, que, no caso positivo, seriam justos e legítimos, no caso negativo, tornam-se banais e risíveis e, consequentemente, depreciativos, redundando, por consequência, num desprestígio de difícil, se não impossível, reparação, que atinge, sem sombra de dúvida nem contestação possível, todos os seus filhos, bem como a terra inteira.

Ora, Guimarães, tem em aberto, infelizmente, há quinze anos, nada menos, uma dívida a saldar — dívida sagrada — para com os seus filhos mortos na Grande Guerra. Como se explica esta sonolência letárgica de quinze longos anos numa cidade que se preza de ser o bérço da nacionalidade? Os seus nomes esculpidos numa modesta lápide é um mínimo da homenagem a prestar aos filhos de Guimarães; é, por assim dizer, uma prestação, e estas dívidas não se pagam em prestações, mas integralmente, como é obvio, sobretudo, numa cidade com responsabilidades morais como Guimarães.

MANUEL DE GUIMARÃIS.

Festas ao S. Cristóvão e V Rampa da Penha

É nos dias 21 e 22 do corrente que se realizam, na Estância da Penha, as festas anuais da classe dos motoristas de Guimarães, em honra do seu Patrono — S. Cristóvão.

No dia 21, ao meio dia, serão os festejos anunciados por salvas de foguetes.

À noite, realizar-se-á o jantar de confraternização, havendo, durante esta festa de solidariedade, iluminações, fogo de artifício, e concerto no Jardim público pela Banda dos Bombeiros Voluntários.

No domingo, várias demonstrações festivas, solenidades religiosas e, de tarde, a emocionante prova automobilística V RAMPAS DA PENHA, já considerada como uma das principais corridas de automóveis que o Automóvel Club de Portugal promove anualmente, para a disputa de muitos e valiosíssimos prémios.

Sabemos que já se encontram inscritos muitos dos principais volantes do país e que os prémios a disputar, oferecidos pela Câmara Municipal, Comissão de Turismo e outras entidades, serão superiores em valor aos já disputados nos anos anteriores.

Exposição Colonial SÓBRE UMA ENTREVISTA

A grande Parada Regional do Entre-Douro e Minho

No próximo domingo a cidade do Porto vai proporcionar a todas as pessoas que lá vão, atraídas pela Exposição Colonial, um acontecimento extraordinário e inédito — A Parada Regional de Entre-Douro e Minho — que deve atingir toda a importância e brilhantismo que o alto significado da Exposição Colonial e o nunca desmentido patriotismo da nossa província exigem que atinja.

Não sabemos se o nosso concelho se faz representar na sensacional Parada e por isso mesmo vimos lembrar aos valores representativos de Guimarães a vantagem e a necessidade até de que a nossa terra tome parte activa no importante centame.

Do horário geral de combóios para o dia 15, extraímos aquela parte que mais pode interessar aos nossos leitores, e que vamos reproduzir:

Estações	Preços
Póvoa e Vila do Conde . . .	5800
Trofa	5500
Lousado	5500
Santo Tirso	5880
Caniços	6530
Negrelos	6570
Lordelo	7340
Vizeja	8500
Guimarães	9510
Paço Vieira	10550
Fareja	11500
Fafe e Cepães	12500

Hora

Estes combóios partem um da Póvoa e outro de Fafe e tem a chegada à Estação da Boavista cerca das 11 horas; e regressam aos pontos da partida pelas 18 horas e 45 minutos.

As pessoas que forem tomar parte na Parada, têm entrada grátis na Exposição Colonial.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a 4.ª página do nosso jornal.

O «Século» dia 4 do mês corrente insere uma entrevista do Sr. Dr. Alberto Cruz, digno Presidente da Comissão de Iniciação e Turismo da cidade de Braga. As afirmações de sua ex.ª são uma proficiente lição de bairrismo, bem digna de ser devidamente ponderada por todos aqueles que desempenham cargos desta natureza. Diz sua ex.ª que nunca faltou àquela Comissão a cooperação firme e decidida da Câmara Municipal, da Associação Comercial nem mesmo a colaboração individual. Vê-se, pois, que todos os Bracarenses se encontram unidos no que diz respeito ao progresso da sua terra, o principal factor do desenvolvimento que ela tem tido, o contrário, infelizmente, do que se passa em Guimarães.

Na mesma entrevista, refere-se o Sr. Dr. Alberto Cruz à Citânia de Briteiros, devendo sua ex.ª perdoar-nos a franqueza de lhe dizer que não concordamos com aquele «temos» como resposta à pergunta: *E fora da cidade?* Investidos os papeis, talvez que os Bracarenses nos chamassem *indesejáveis*, embora os reconhecessemos como legítimos donos. . .

Independentemente desta pequena divergência da nossa parte, chamamos para a referida entrevista a atenção da nossa Comissão de Iniciação e Turismo, da nossa Câmara, da nossa Associação Comercial, etc.

Os bons exemplos devem aproveitar-se ou, então, não nos queixemos de não termos estradas em condições e outros melhoramentos. Quanto às estradas, fazemos votos para que o Sr. Engenheiro Valença tenha mais um pouco de consideração por nós.

Visado pela Comissão de Censura.



«Rancho do Monte», de Vila do Conde

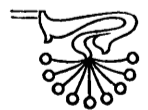
Recebemos, há dias, um interessante opúsculo que contém várias apreciações e críticas ao excelente agrupamento artístico que, por terras de Portugal e do estrangeiro, tem espalhado, com mimo e graça — aquela graça que anda a bailar nos lábios purpúreos das lindas rendilheiras —, o nome de Vila do Conde, cantando, em versos saborosos, as suas belezas, o seu mar, a sua boa gente. . .

Na capa vê-se a gravura que reproduzimos e nas 12 páginas do bem apresentado folheto, dispostas entre o texto, vêem-se também várias paisagens da encantadora Praia, monumentos e alguns componentes do «Rancho do Monte».

Não se limita o já hoje afamado Rancho a cantar, espantando males, as belezas da sua terra, quer ir mais longe, acentuando bem o amor que lhe consagra; e assim fez espalhar as críticas, espalhando, mais e mais, o nome da risonha terra.

Agradecendo a oferta, apresentamos ao ex.º sr. Cândido Joaquim Rodrigues, o respeitável Vilacondense que é a alma do seu «Rancho do Monte», os nossos parabéns e as mais sinceras felicitações.

Quem canta seu mal espanta...



NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO ■ FUNDADO EM 11 DE JANEIRO DE 1932

EM S. TORCATO

A Pensão-Restaurante Central, de Manuel da Silva Leite, fornece almoços, jantares e serviço à lista a excursionistas, turistas e romeiros, ao ar livre e a preços convidativos. Aceitam-se comensais. — Magníficos aposentos. Recomendam-se os vinhos verdes da cave desta casa.

OFICINA DE PINTURA ARTE DECORATIVA

de H. Pereira de Moura

Encarrega-se de todos os trabalhos de pintura, tanto no Pôrto como na província. Pintura de prédios, taboetas, letreiros luminosos, painéis a óleo e trabalhos a ouro e prata. Consertam-se louças antigas e outros objectos de valor estimativo. Informa-se nesta redacção.

957, R. Fernandes Tomaz, 959 PORTO 32, Rua do Estêvão, 34

Tipografia Minerva Vimaranesense

Rua 31 de Janeiro

GUIMARÃIS

Impressões em tódos os géneros.

CASA PIMENTA

De Alberto Pimenta Machado

Filial: RUA 31 DE JANEIRO, 33 a 37 — Telef. 180

Acaba de chegar um grande sortido de Casimiras para a Estação de Verão, grande novidade de padrões a preços sem competência. Muitos saldos com o desconto de 30 e 60 por cento. Não comprem Casimiras sem ver o grande sortido e preços desta casa.

VENDE SEMPRE MAIS BARATO.

Tinta Encerite



Em diversas cores para aplicar nos soalhos, mobílias e em todas as madeiras ao preço de 5\$00 cada caixa.

A' venda em todas as drogarias e outros estabelecimentos.

Depósito no Pôrto: **A Enceradora**, Praça dos Poveiros, 110-1.º — Telefone n.º 1771.

INTERESSANTE!

A CASA SALGADO,

a partir de 2 de Julho, passará a fornecer a cada cliente um talão relativo às suas compras, com o qual fica habilitado a um

BONUS MENSAL,

em fazendas, de metade do valor do respectivo talão, o que depende de uma espécie de sorteio.

EXEMPLIFICANDO: — No fim de cada mês tirar-se-á à sorte os dias 1 a 30. Na hipótese de sair o dia 18, todos os nossos clientes dêsse dia receberão, em fazendas à sua escolha, metade do valor do talão que lhes fornecemos. — Comprou, por exemplo, 200\$00, recebe 100\$00 de BONUS, em fazendas.

!!!

Faça V. Ex.ª as suas compras

na

CASA SALGADO

FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS

Rua 31 de Janeiro

:GUIMARÃIS:

BOM SORTIDO. — PREÇOS EM CONCORRÊNCIA.

■ Bónus mensais ■

FOTOGRAFIA BELEZA

A esta casa revendedora dos afamados produtos AGFA, podem os Ex.ªs amadores confiar os seus trabalhos, pela rapidez na execução e perfeito acabamento.

Todos os trabalhos são entregues no prazo máximo de 24 horas.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Semanário defensor dos interesses do Concelho PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

Redacção e Administração: LARGO CONSELHEIRO JOÃO FRANCISCO

Ex.ª Sr.

Sociedade Martin Sarmento
R. Passalva

GUIMARÃES